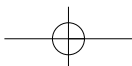
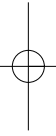
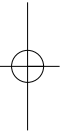
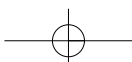
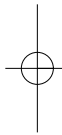
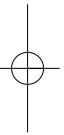


## Maria Antonieta





**Antonia Fraser**  
Maria Antonieta

Tradução de  
Irene Daun e Lorena  
Nuno Daun e Lorena



**Leya, SA**

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2  
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2001, Antonia Fraser  
© 2009, LeYa, SA

Capa: Panóplia®

Revisão: Clara Joana Vitorino  
1.ª edição, Oceanos, Fevereiro de 2007  
1.ª edição BIS: Julho de 2009  
Paginação: Júlio de Carvalho, Artes Gráficas  
Depósito legal n.º 293 821/09  
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN: 978-989-660-029-7

<http://bisleya.blogs.sapo.pt>

## I

No dia 2 de Novembro de 1755 a rainha-imperatriz, grávida do seu décimo quinto filho, esteve em trabalho de parto durante todo o dia. Como a experiência não era nova, Maria Teresa, rainha da Hungria por herança e imperatriz do Sacro Império Romano por casamento, que detestava perder tempo, continuou a despachar os seus assuntos de Estado. Finalmente, por volta das oito e meia da noite, nos seus aposentos do Palácio Hofburg de Viena, Maria Teresa deu à luz. Era uma rapariga. Ou, como descreveu no seu diário o camareiro-mor da corte: «Sua Majestade deu em boa hora à luz uma arquiduquesa pequena mas perfeitamente saudável.» Arrumado o assunto, Maria Teresa regressou ao trabalho, assinando papéis no próprio leito.

O anúncio foi feito por Francisco I. O imperador saiu do quarto da mulher depois dos habituais *Te Deum* e Bênção e dirigiu-se para a Sala dos Espelhos, ao lado, onde as damas e os cavalheiros da corte que tinham «direito de entrada» nos aposentos reais estavam à espera. Maria Teresa tinha acabado firmemente com a prática, desagradável para uma mãe em trabalho de parto, de os cortesãos e cortesãs estarem presentes no quarto. Talvez fosse por causa do pequeno tamanho do bebé, ou talvez fosse o efeito terapêutico de ter estado sempre a trabalhar ao longo do dia, mas o facto é que Maria Teresa nunca parecera tão bem depois de um parto.

A fase seguinte na vida do novo bebé era uma rotina. Foi entregue a uma ama-de-leite oficial. As grandes damas não amamentavam os seus filhos por uma razão: pensava-se que

o aleitamento estragava a forma do peito, tão em evidência de acordo com as modas do século dezoito. Maria Teresa tinha trinta e oito anos e desde o seu casamento, quase vinte anos antes, dera à luz quatro arquidukes e dez arquidukesas (dos quais sete ainda eram vivos em 1755). A extraordinária taxa de sobrevivência da família imperial – pelos padrões da mortalidade infantil da época – significava que não havia grande pressão sobre a rainha-imperatriz para que gerasse um quinto filho homem.

O batizado teve lugar ao meio-dia do dia 3 de Novembro (o sacramento era ministrado rapidamente na ausência da mãe, que ficava a recuperar da provação). Foram ordenados dois bailes de gala: o primeiro para o dia do batizado e um outro, menos imponente, para o dia seguinte. Nos dias 5 e 6 de Novembro houve mais dois espectáculos gratuitos destinados ao público em geral e nesses dias o povo pôde entrar na cidade sem pagar qualquer taxa. Era um ritual perfeitamente estabelecido.

A criança em honra de quem foram dadas estas festas recebeu os nomes de Maria Antónia Josefa Joana. De facto, em família a nova criança seria chamada apenas Antoine. O diminutivo francês era significativo. A sociedade vienense era multilíngue, mas o francês, reconhecido como a língua da civilização, era falado em todas as cortes da Europa. Maria Antonieta passou a ser rapidamente chamada de Antoine, tanto em família como publicamente, e até as suas cartas eram assinadas com este nome. Para os cortesãos, a última arquidukesa seria conhecida como Madame Antoine; a história haveria de referir-se-lhe como Maria Antonieta.

Francisco Estêvão de Lorena passou a Maria Antonieta uma grande dose de sangue francês. A sua mãe, Isabel Carlota de Orleães, fora uma princesa real de França e neta de Luís XIII. O seu irmão, o duque de Orleães, foi regente durante a infância de Luís XV. Quanto a Francisco, era importante para ele ter nascido um Lorena. Em 1729, data da morte do seu pai, passou a ser o duque hereditário da Lorena, um título que remontava aos tempos de Carlos Magno. Assim, Maria Antonieta foi criada a pensar em si

própria como «da Lorena», assim como «da Áustria» e «da Hungria».

A época era de múltiplos casamentos entre as diversas casas reais. Maria Antonieta tinha o sangue dos Bourbons – o ramo de Orleães – e de Lorena por parte do pai. Do avô materno, o imperador Carlos VI, herdou o sangue dos Habsburgos, tanto austríacos como espanhóis. Estes dois ramos da família Habsburgo, em teoria separados no século dezasseis eram, de facto, o resultado de casamentos constantes, como dois grandes rios cujos afluentes se cruzam com tanta frequência que as suas águas ficam inextricavelmente misturadas.

Carlos VI, incapaz de produzir um filho varão, teve duas filhas, das quais a mais velha, Maria Teresa, foi transformada em sua herdeira. As suas tentativas para assegurar a herança da filha, subornando de facto outras potências para que respeitassem esta solução, ficaram conhecidas como a Sanção Pragmática. Porém, apesar de todos os seus esforços, a sua morte, em 1740, desencadeou uma nova luta dinástica, a Guerra da Sucessão austríaca, que durou oito anos. A Silésia foi imediatamente ocupada pelo rei prusiano: era a região mais próspera sob o domínio dos Habsburgos, e Maria Teresa, então com vinte e três anos, sentiu muito a sua perda. Parecia que a princesa estava condenada a presidir ao desmembramento do até então grande império dos Habsburgos, mas o facto é que, quinze anos mais tarde, aquando do nascimento de Maria Antonieta, Maria Teresa estava no auge do seu triunfo e era admirada em toda a Europa como «glória do seu sexo e modelo de reis». Apesar de todas as perdas na guerra, tinha segurado as suas possessões hereditárias. À parte a Áustria Superior e Inferior, estas incluíam a Boémia e a Morávia (agora a República Checa), a Hungria, cuja maior parte era constituída pela actual Roménia, uma parte da antiga Jugoslávia, assim como os Países Baixos austríacos (aproximadamente a Bélgica dos nossos dias) e os ducados de Milão e da Toscana em Itália. Entretanto, Francisco Estêvão, seu marido, era eleito imperador.

Em 1755, o país estava em paz e as recordações da Guerra da Sucessão esbatiam-se. A imperatriz não só era admirada no estrangeiro, como gozava de grande popularidade no país. De todos os filhos de Maria Teresa, Maria Antonieta foi a única que nasceu no zénite da glória da sua mãe.

\* \* \*

Seis meses após o nascimento de Maria Antonieta, uma mudança radical nas alianças nacionais europeias levou ao fim desta aparente tranquilidade. Pelo Tratado de Versalhes, assinado a 1 de Maio de 1756, a Áustria juntou-se à França, sua inimiga tradicional, num pacto defensivo contra a Prússia. Se qualquer um dos dois países fosse atacado, o outro iria em seu socorro com um exército que seria de 24 mil homens. Nenhum outro acontecimento na infância de Maria Antonieta teve uma importância tão profunda como esta aliança, forjada enquanto ela ainda estava no berço.

A hostilidade da Áustria em relação à Prússia não é difícil de explicar: Maria Teresa não esquecera nem perdoara o roubo da Silésia, ocorrido durante a sua ascensão, e referia-se regularmente a Frederico II como «o animal maligno» e «o monstro».

Quando a vontade, ou antes, a necessidade de uma aliança se apresentou, as diversas personalidades desempenharam o seu papel. O rei francês, Luís XV, era a favor, ao passo que o seu único filho e herdeiro, o delfim Luís Fernando, a sua nora Maria Josefa (uma princesa da Saxónia) e o seu formidável batalhão de filhas crescidas ainda na corte eram resolutamente antiaustríacos.

A determinação da Áustria imperial era igualmente firme. Como Voltaire disse humoristicamente: algumas pessoas diziam que a união entre a França e a Áustria era uma monstruosidade antinatural, mas, como era necessária, passou a ser perfeitamente normal. No entanto, nem os corações nem as mentes dos dois países se deixaram conquistar. A Áustria e Maria Teresa continuaram a admirar a França como fonte de estilo e a falar francês. Ao mesmo tempo, o país era ge-

ralmente considerado frívolo, com pouco peso e incapaz de constância. Era um estereótipo desfavorável que não deixaria de impressionar qualquer criança – uma pequena arquiduquesa, por exemplo – nada e criada na corte austríaca.

A Europa estava a dividir-se em dois grupos poderosos, cujas rivalidades, tanto no Velho como no Novo Mundo, levariam em breve a uma guerra que duraria sete longos anos. Prússia, Inglaterra e Portugal aliaram-se à Áustria, à França, à Suécia e à Saxónia, aos quais se juntaria pouco depois a Rússia; a Espanha, a monarquia dos Bourbons aliada de França, também se envolveria pelo lado francês. Estes aliados começaram a expressar a sua futura cooperação através do meio habitual da época: os casamentos reais.

Assim, as décadas de 1740 e 1750 testemunharam o nascimento de uma pequena multidão de príncipes reais, tanto varões como fêmeas, no seio das famílias reinantes destes países. A Europa estava, positivamente, cheia de pequenos peões reais, prontos, assim parecia, a entrarem no grande jogo das alianças diplomáticas. Madame Antoine tinha o seu valor específico, não como pessoa, mas como peça no tabuleiro de xadrez da sua mãe.

\* \* \*

Tal como muitas pessoas exiladas do cenário da sua infância, Maria Antonieta veria sempre os primeiros anos da sua vida como idílicos e é fácil perceber porquê. Os retratos familiares de que Maria Teresa tanto se orgulhava retratam, na verdade, um paraíso doméstico do qual qualquer pessoa se sente nostálgica numa fase mais tardia da vida.

Um retrato da família no dia de São Nicolau de 1762, pintado pela arquiduquesa Maria Cristina, uma festa durante a qual as crianças recebiam tradicionalmente presentes, retrata na perfeição o aconchego burguês da vida do casal imperial, algo impensável na corte de Versalhes. O imperador, à mesa do pequeno-almoço, está de roupão e chinelos e na cabeça, em vez da peruca, tem um barrete estilo turbante.

O vestido da imperatriz é extremamente simples e Maria Cristina parece mais uma criada do que uma arquiduquesa. O arquiduque Fernando está aparentemente preocupado com o seu presente, ao passo que o pequeno Max, sentado no chão com os seus brinquedos, está deliciado. Uma sorridente Madame Antoine ergue no ar uma boneca para indicar que tinha acabado de a receber; com sete anos, parece ela própria uma boneca.

Esta infância aparentemente perfeita tinha por cenário três castelos. O de Hofburg, imponente e vasto, onde Antoine tinha nascido, era utilizado nos meses de Inverno e ficava no centro da capital. A cerca de sete quilómetros apenas, porém, ficava o mágico palácio de Schönbrunn. Esta enorme residência era tão grande e tão esplendorosa como a maioria dos palácios da Europa, ao mesmo tempo que gozava de uma moldura pastoril. A família mudava-se geralmente para lá depois da Páscoa. Os seus belos jardins confinavam com um parque e uma floresta que se estendia a perder de vista. Aquando do nascimento de Madame Antoine, Maria Teresa fez melhoramentos substanciais na residência dos seus antepassados. O palácio preferido da imperatriz era o de Laxenburg, um palácio rococó, encantador, a cerca de quinze quilómetros a sul de Viena, na direcção da Hungria, na orla de uma pequena cidade muito bonita e rodeado de bosques espessos, ideais para a caça. Nesta residência não havia espaço para as vastas multidões de cortesãos que se pensava serem essenciais para a dignidade imperial em Schönbrunn e em Hofburg e até os grandes funcionários tinham de se instalar na cidade.

Dizia-se que a própria imperatriz, apesar de sempre preocupada com os assuntos de Estado, estava geralmente de bom humor quando permanecia em Laxenburg. As estadas neste castelo eram, de facto, olhadas como férias familiares. Não admira que, de todos os cenários da infância de Antoine, Laxenburg seja o que lhe provocava mais nostalgia. Não só tinha a companhia de uma mãe carinhosa, como os arquidukes e as arquiduquesas gozavam de uma certa liberdade pessoal.

Nos primeiros anos do século seguinte, a imperatriz Maria Luísa, sobrinha-neta de Maria Antonieta, ficaria surpreendida pela semelhança entre Laxenburg e o Petit Trianon em Versalhes. Laxenburg apresentava a mesma imagem de beatitude rústica, um paraíso que poderia, um dia, ser recriado.

As festividades, tanto no exterior como no interior, pontuavam as vidas da família imperial. Os rigorosos Invernos austríacos ofereciam oportunidades sem par para passeios de trenó. Um viajante evocou uma visão encantadora da arquiduquesa vestida de veludo debruado a peles e diamantes, deslizando num trenó dourado em forma de cisne.

As festas da corte em teatros, grandes e pequenos, eram dominadas pelo gosto da família imperial e da aristocracia pela música. No caso de Madame Antoine, a música desempenhava um papel central na sua vida. Em 1759, pouco depois do seu quarto aniversário, Antoine cantou «uma canção francesa de *vaudeville*» nas comemorações do dia do santo do seu pai – São Francisco – enquanto os seus irmãos e irmãs mais velhos cantaram árias italianas.

No dia 13 de Outubro de 1762 o «menino de Salzburgo» – Wolfgang Amadeus Mozart – com o pai e a irmã, Nannerl, foi recebido em Schönbrunn. O veredicto foi de que o pequeno tocava cravo «maravilhosamente» bem, tendo sido recompensado com uma dádiva de 100 ducados e um conjunto que tinha pertencido ao arquiduque Max, um casaco lilás e um colete de *moiré*, tudo bordado a ouro.

Talvez não seja verdade que o jovem Mozart se atirou à jovem Maria Antonieta, declarando que casaria com ela quando fosse grande (o que teria, certamente, alterado o curso da história). Provavelmente não é verdade, mas a sua impetuosidade era conhecida. Antoine estava presente quando ele correu para a imperatriz e se lhe sentou no colo, recebendo um beijo em troca. Pouco depois, Mozart foi a França, onde a marquesa de Pompadour foi menos acolhedora. «Quem é esta, que não me dá um beijo?», perguntou o «pequeno Orfeu», referindo-se à arrogante amante do rei. «A imperatriz beijou-me.»

À medida que cresciam, grande parte da educação das arquiduquesas centrava-se na necessidade de aparecer e representar com graciosidade em eventos da corte. Entre os seus professores incluíam-se Gluck, Wagenseil e Johann Adolph Hasse, que dedicaram um livro a Maria Antonieta. Mais tarde, a arquiduquesa seria descrita como capaz de ler música como uma profissional e tomar parte em pequenos concertos agradáveis com os seus amigos. A harpa era o seu instrumento preferido e, sob a orientação do talentoso executante Joseph Hinner, fazia progressos consideráveis.

Entre todas as artes, porém, a dança era aquela em que Maria Antonieta mais se distinguia. A graça muito particular dos seus movimentos, incluindo o porte distinto da sua cabeça, tornar-se-ia a sua principal característica, comentada por todos os observadores, quer de forma simpática ou hostil.

Para além desta necessidade de representar, a outra ênfase na educação das raparigas era colocada na docilidade e na obediência. O texto mais utilizado, crucial, era *Les Aventures de Télémaque*, de Fénelon, que sublinhava a importância, para o sexo feminino, do trabalho e da destreza, mas também da modéstia e submissão. Maria Teresa fazia questão de uma obediência total e inequívoca por parte das filhas. «Nasceram para obedecer e devem aprender a fazê-lo o mais cedo possível», declarou ela um ano após o nascimento de Antoine.

Era verdade que a imperatriz exibia uma deferência de esposa perante o imperador seu marido. Por outro lado, porém, era ela que trabalhava dia e noite para resolver os assuntos de Estado, enquanto ele partia alegremente para a caça. Não era Francisco I que maravilhava a Europa com a sua força e capacidade de decisão, era Maria Teresa. Na verdade, a imperatriz representava um modelo complicado para as suas filhas.

Por um lado, a posição de Madame Antoine na família era marcada pela distância; o arquiduque José tinha quase quinze anos, idade suficiente para ser seu pai pelos padrões reais da época. Por outro, pela proximidade; entalada entre

um irmão dezoito meses mais velho e outro treze mais novo, a dose de atenção maternal em bebê não deve ter sido grande. Em todo o caso, Maria Teresa, perto dos quarenta anos, já não era a mãe jovem e feliz que recebera em êxtase o nascimento de José, o herdeiro. De facto, as suas energias estavam inteiramente viradas para os assuntos de Estado e o período tranquilo durante o qual Antoine tinha sido concebida e tinha nascido acabara. A partir de finais de 1756 e até à Paz de Paris, em Fevereiro de 1763 – os anos de infância de Antoine –, a Áustria esteve em guerra com a Prússia e a Inglaterra e Maria Teresa esteve sempre ao leme. A Guerra dos Sete Anos não foi uma época de serenidade para a imperatriz.

No entanto, apesar de andar sempre preocupada, Maria Teresa era a figura central da vida dos seus filhos, e por cujo amor – a par de uma grande dose de respeito – estes ansiavam, apesar de, no caso dos mais novos, uma forte dose de receio e temor se misturar a estes sentimentos.

\* \* \*

O casamento de José com Isabella de Parma, com o qual se pretendia solidificar a ligação da Áustria com a França do seu avô Luís XV, não durou, de facto, muito tempo. Em 1763, Isabella morreu ao dar à luz uma filha. Com o coração despedaçado, José colocou a questão de um segundo casamento, essencial para a produção de um herdeiro imperial, nas mãos dos seus pais. A escolha recaiu numa prima em segundo grau, Josefa da Baviera.

O casamento, nos finais de Janeiro de 1765, foi celebrado com a magnificência adequada. Gluck compôs uma opereta para a ocasião, *Il Parnaso Confuso*, que foi interpretada pelas crianças imperiais. O bailado que a acompanhava foi dançado pelos mais novos. Um quadro de Mytens mostra Fernando e Antoine como pastor e pastora, ao mesmo tempo que Max, com asas e tudo, representa Cupido. Antoine está elegantemente equilibrada, com o seu famoso porte já em evidência e com os braços bem afastados. O seu rosto tam-

bém é instantaneamente reconhecível, não tanto pelo característico nariz comprido, que está representado no quadro, mas pela testa significativamente alta. Antoine gostava muito deste quadro de Mytens e mais tarde recebeu-o, deliciada, para ornamentar o seu refúgio pessoal.

Seis meses mais tarde, a requintada beatitude familiar condensada neste quadro desvaneceu-se por completo. O imperador e a imperatriz estavam de partida para Innsbruck, onde se ia celebrar o casamento do seu segundo filho, o arquiduque Leopoldo, com a filha do rei de Espanha. No último momento, Francisco I fez uma pausa e, obedecendo a um estranho impulso, voltou atrás para abraçar mais uma vez Antoine, que tinha na altura nove anos. O imperador pegou nela ao colo e beijou-a vezes sem conta. Antoine reparou, surpreendida, que ele tinha lágrimas nos olhos. A separação estava a provocar-lhe grande sofrimento. Vinte e cinco anos mais tarde, ela ainda se recordava dolorosamente do incidente, acreditando que Francisco I tivera um pressentimento da grande infelicidade que a esperava. Foi a última vez que Madame Antoine viu o pai.

No dia 18 de Agosto de 1765, em Innsbruck, o imperador teve um ataque de coração e morreu. A imperatriz ficou completamente destroçada. Como símbolo da sua dor, cortou os cabelos de que tanto se orgulhava, cobriu os seus alojamentos de veludos escuros e vestiu-se unicamente de negro o resto da vida. A forte e jovem mãe, que uma vez dissera alegremente ser capaz de ir para o campo de batalha se não estivesse permanentemente grávida, transformou-se numa figura cruelmente trágica. Tudo nela passou a ser «escuro e lúgubre». Já de si distante em relação aos filhos mais novos, Maria Teresa passou a mostrar uma reprovação generalizada face ao comportamento deles. Isto tinha as suas raízes, evidentemente, na sua infelicidade pessoal, mas constituía no entanto uma censura permanente a todos aqueles que ainda podiam gozar os prazeres da vida.

\* \* \*

A imperatriz enlutada passou a partilhar o poder – já que parte dele só podia ser exercido por um varão – com o seu filho de vinte e quatro anos, que foi eleito imperador (como José II) em substituição do pai. Porém, não permitiu que nada, nem o luto, nem a promoção de José, interrompesse a sua perseverante política de planejar os casamentos dos filhos.

No princípio de 1767, a imperatriz ficou com cinco filhas nos braços. «A encantadora Isabel» tinha vinte e três anos, Amália quase vinte e um e Josefa, outra beldade, tinha dezasseis. Depois, Carlota, que faria quinze em Agosto e Antoine, que ia nos doze e que, conseqüentemente, ainda não tinha peso no jogo imperial (embora fosse vagamente mencionada em relação com os príncipes franceses da sua idade).

Os dois Fernandos – o de Parma e o de Nápoles, ambos nascidos em 1751 – eram troféus que Maria Teresa estava decidida a obter, não tanto pelas suas filhas – cujo interesse próprio não estava em causa, mas pelas alianças que simbolizariam.

Então aconteceu uma série de desastres, fazendo de 1767 o *annus horribilis* de Maria Teresa. A segunda mulher de José, infeliz e mal-amada, morreu de varíola no fim do mês de Maio e foi sepultada, como era costume, num túmulo na cripta imperial dos Habsburgos. Depois, foi a própria Maria Teresa a apanhar varíola e também quase morreu, chegando a receber os Últimos Sacramentos. A Europa tremeu com estas notícias, enquanto a sua família ficou em estado de choque.

O desastre seguinte foi, de facto, indirectamente provocado pela própria Maria Teresa. Logo que recuperou da doença, insistiu para que a sua filha, a arquiduquesa Josefa, que estava prestes a iniciar a sua longa viagem nupcial para Nápoles, fosse com ela rezar à cripta imperial. Porém, a sepultura da mulher de José não estava devidamente selada. Ao mesmo tempo que as celebrações matrimoniais antecipadas se desenrolavam em Viena, a arquiduquesa apanhou varíola e morreu. Foi uma morte terrível, que deixou uma

impressão permanente na sua irmã mais nova. Antoine lembrava-se de Josefa pegar nela ao colo e de lhe dizer, com um pressentimento, que ia deixá-la para sempre – não para o reino de Nápoles, mas para a cripta da família.

Mas não foi tudo. A varíola caiu sobre as casas reais da Europa como um espectro com a sua foice. Antoine teve sorte, apanhou uma versão ligeira da doença aos dois anos. Tendo recuperado por completo e ficado apenas com algumas marcas praticamente invisíveis, ficou imune à doença. Por vezes, porém, a foice feria, não chegava a matar. A arquiduquesa Isabel também apanhou a doença e sobreviveu, mas a sua beleza ficou totalmente destruída. Como consequência, ficou imediata e cruelmente afastada do mercado matrimonial europeu.

O problema imediato foi arranjar uma noiva para o rei Fernando de Nápoles, que esperava a chegada rápida de uma jovem esposa. Maria Teresa entrou em acção uma vez mais. Numa carta endereçada ao pai deste um mês após a morte de Josefa, a imperatriz mãe gabava o seu rebanho: «Concedo-vos, com o maior dos prazeres, uma das filhas que me restam para compensar a perda... Tenho duas que devem servir. Uma é a arquiduquesa Amália, que dizem ter um belo rosto e cuja saúde pode permitir uma numerosa prole, e a outra é a arquiduquesa Carlota que, para além de também ser saudável, é um ano e sete meses mais nova que o rei de Nápoles.» A escolhida foi Carlota e o seu novo nome, Maria Carolina, substituiu simplesmente o de Josefa no tratado de casamento que já tinha sido redigido. Como consequência, Amália passava a estar disponível para o neto de Luís XV, Fernando de Parma.

No dia 2 de Novembro de 1767 – dia do décimo segundo aniversário de Antoine –, a morte e a doença tinham roubado a Maria Teresa todas as outras arquiduquesas disponíveis. O desaparecimento de Carlota em direcção a Nápoles significava que estava fora de questão arranjar-lhe um possível casamento com o futuro rei de França. As possíveis consequências de uma união da autoritária e sensual Maria Carolina com o futuro Luís XVI, em vez da doce Maria

Antonieta, ficarão para sempre no domínio da especulação histórica. Assim, foi a queda rápida de uma série de peças de dominó que fez com que Antoine atraísse a atenção da sua mãe. Pela primeira vez, a imperatriz contemplava o material que ainda tinha para entregar sob a forma da filha de quinze anos. Verdade se diga que, sob muitos aspectos, a achou muito pouco prometedora.

\* \* \*

Para o olhar crítico da imperatriz, o aspecto era satisfatório e o que não lhe agradava podia ser facilmente reparado. Os dentes, por exemplo, via-se que estavam em mau estado e eram tortos, mas os aparelhos de arame para os endireitar começavam a ser usados, um sistema chamado «pelicanos». Três meses de tratamento deram a Antoine os dentes direitos bem espaçados. Os seus olhos grandes e bem afastados, de um subtil azul-acinzentado, eram ligeiramente míopes. Porém, o conseqüente olhar vago era algo atraente e quanto ao resto podiam entrar em cena as *lornettes*; muitas vezes, os leques incluíam-nas elegantemente.

A seu favor tinha os cabelos louros: levemente acinzentados, fazendo sobressair o seu tom de pele branco e rosado, tão espessos como tinham sido os da sua mãe. Por outro lado, a sua implantação era algo irregular. Juntamente com a testa alta, uma característica dos senhores da Lorena e que era considerada fora de moda pelos ditames da época, causava dificuldades. O pescoço esguio era uma vantagem, mas o nariz era ligeiramente aquilino; felizmente os narizes pequenos não estavam na moda. O de Antoine podia ser descrito como distinto, próprio de uma arquiduquesa – ou de uma rainha.

No entanto, não havia nada a fazer em relação ao famoso lábio dos Habsburgos, o lábio inferior saliente em todos os retratos ao longo dos séculos. O efeito, numa rapariga, era o de um ligeiro amuo, mas numa mulher era sinal de uma atitude mais desdenhosa. Foi algo que Maria Antonieta acabou por aceitar; aquele altivo *hochnäsig* (literalmente nariz

empinado) que ela sabia não corresponder, de todo, ao seu carácter.

Apesar destes defeitos menores, o aspecto geral era muito sedutor. Madame Antoine tinha «um sorriso capaz de conquistar qualquer coração», e esse sorriso era indicativo do seu desejo de agradar. O seu tutor francês, o abade Vermond, escreveu que «é fácil encontrar rostos mais bonitos, mas não creio que seja possível encontrar um que seja mais encantador». Quanto a Maria Teresa, que não era dada a lisonjas quando estavam em causa assuntos de Estado – como era agora o caso do carácter e da aparência de Antoine –, comentou que a sua filha tinha o dom de conquistar as pessoas devido, acima de tudo, à sua «afabilidade». Madame Antoine não deixaria – ou deixaria? – de inspirar amor no seio do casamento.

O problema era que aquela criaturinha afável conseguira, segundo parecia, evitar, mais ou menos, a desagradável experiência da educação para além das artes da dança e da música, que contribuíam para a sua aura geral de encanto. A irritante inconveniência desta descoberta, considerando o augusto destino que a imperatriz reservava a Antoine, teria, até, uma certa graça – se não pensarmos nas consequências que a sua juvenil iliteracia teria para Maria Antonieta ao longo da vida.

A sua preceptora, a condessa Brandeis, era uma mulher pouco inteligente e muito bondosa que esbanjava afecto pela pequena Antoine, ao ponto de negligenciar qualquer tipo de instrução séria. Quando, periodicamente, a imperatriz exigia ver os trabalhos da filha, era muito mais fácil fazer com que Antoine copiasse algo escrito pela própria preceptora do que ensinar a jovem a fazê-lo ela própria! Provavelmente, até os desenhos atribuídos à arquiduquesa deviam alguma coisa à bondade da condessa.

Em 1768, a «muito querida Brandeis» foi substituída pela condessa Lerchenfeld, mais esperta e também mais severa, que tinha sido camareira-mor das arquiduquesas mais velhas. Inevitavelmente, Antoine não gostou dela e continuou a chorar pela antiga preceptora. Esta combinação de começo

tardio e aversão pessoal pela professora não contribuíram muito para o estado da sua educação.

O padrão de instrução das princesas no século dezoito não era particularmente elevado. No entanto, apesar de a pouca capacidade de Antoine para escrever dever ser vista neste contexto, estava bem abaixo das normas aceitáveis. A leitura e a sua falta de capacidade a este respeito era uma deficiência muito mais séria. Como resultado da sua instrução inadequada, Antoine desenvolveu um verdadeiro medo em relação ao assunto e com o medo veio um frequente sentimento de culpa.

O verdadeiro problema em relação à educação de Maria Antonieta é que ela nunca foi encorajada a concentrar-se. Esta capacidade, relativamente fácil de inculcar na infância, fez-lhe falta na idade adulta. Mesmo os seus admiradores concordavam, como escreveu um deles, membro do seu círculo íntimo, que a sua conversação tendia a ser desarticulada «como um gafanhoto».

Os seus inimigos atribuíam a sua falta de concentração a um capricho. De facto, quando a conheceram era no que provavelmente se tinha transformado. Porém, tinha origem numa educação deficiente. Uma das suas máximas preferidas dizia tristemente: «Para se ser rei é preciso aprender-se a sê-lo.» O mesmo se podia dizer em relação a uma rainha, por mais encantos que tivesse.

\* \* \*

O jovem delfim de França, futuro noivo desta criança simpática mas ignorante, também não era, se bem que de modo diferente, nada prometededor. A sua vida tinha tido um começo infeliz. A morte, em 1761, do seu irmão mais velho, o duque de Borgonha, deixou Luís Augusto, então com dezassete anos, com um permanente complexo de inferioridade. Os pais não esconderam o desgosto pela morte do seu favorito. O homem encarregado da educação de Luís Augusto, o duque de Vauguyon, também aproveitou a oportunidade para lhe recordar a falta de capacidade para

representar o papel até então pertencente ao seu incomparável irmão. O resultado foi uma terrível falta de autoconfiança. A morte do seu pai, o delfim Luís Fernando, em 1765, fez com que Luís Augusto, agora delfim, ficasse apenas a um passo do trono de França.

O que lhe faltava em autoconfiança também não era contrabalançado por atributos físicos. Luís Augusto era um homem pesadamente constituído e o seu peso foi aumentando com os anos. Havia um qualquer gene de gordura naquele ramo dos Bourbons, que pode ter sido inicialmente glandular. O seu pai fora gordíssimo e o seu avô materno, Augusto III, também.

Notoriamente desajeitado, o delfim fazia triste figura nos bailes da corte e, possuidor de um péssimo ouvido, quando cantava provocava arrepios gerais. Os seus olhos azul-claros, «saxónicos», eram míopes, fazendo com que perscrutasse os cortesãos e não conseguisse reconhecê-los. A maior parte das vezes mantinha a cabeça baixa para evitar qualquer confrontação. Mal equipado para o formalismo da vida em Versalhes, o delfim refugiava-se na sua grande paixão pela caça, uma tradicional ocupação real. A partir dos nove anos começou a registar as suas proezas num diário de caça que era mais o diário de bordo de um caçador do que um registo convencional de acontecimentos do dia-a-dia.

No entanto, o delfim era inteligente, estudioso por natureza e instruído pelos padrões e métodos da época. Luís Augusto gostava de literatura e das «sublimes melodias» de Racine. Acima de tudo tinha um grande amor pela História, que lhe fora inculcado por David Hume, o historiador britânico, por ocasião de uma visita. Aparentemente, não havia razão para que as negociações relacionadas com o casamento entre o príncipe francês e a arquiduquesa austríaca não se iniciassem.

No entanto, estas não foram fáceis. A hostilidade de muitos membros da corte francesa a qualquer casamento com uma austríaca levou a que se sugerisse uma candidata rival, a princesa Amélia da Saxónia. Luís XV nunca reconheceu publicamente a probabilidade do casamento austríaco,

embora tivesse sido sempre sua intenção optar por uma aliança matrimonial que estivesse de acordo com a sua política estrangeira, pró-austriaca.

O novo embaixador francês, o marquês de Durlfort, que chegou a Viena em Fevereiro de 1767, ia encarregado de entregar uma mensagem ambígua à imperatriz, mas descobriu que não era tarefa fácil fazê-lo quando o que ela queria era ouvir uma coisa completamente diferente. Recebido na corte todos os domingos, viu-se mergulhado no círculo íntimo de Maria Teresa e submetido a uma barreira de encanto.

Só dois anos depois da sua chegada à Áustria, Durlfort foi solicitado a fazer uma oferta formal pela mão da mais jovem das arquiducas.

Foi portanto um processo progressivo do lado francês, e só ganhou velocidade em 1768, quando Maria Teresa decidiu concentrar-se em Antoine, na ausência de outra candidata viável.

Entretanto, a aparência física da arquiduca iria passar por uma transformação vital. A imperatriz importou uma verdadeira cabeleireira parisiense para lhe tratar da testa e da linha de implantação do cabelo.

Tão importante como o estilo do penteado era a questão da língua. Versalhes não ficou impressionada quando soube que dois actores franceses, Aufresne e Sainville, que estavam em Viena em *tournée*, estavam a ensinar Madame Antoine. Era necessário um professor mais respeitável, e a escolha recaiu sobre o abade de Vermond, que chegou à capital austriaca no Outono de 1768. O seu papel oficial era de leitor, mas de facto agiu como tutor de Antoine enquanto esteve na Áustria e mais tarde como seu conselheiro confidencial.

Quando Vermond chegou, Antoine, que acabara de fazer treze anos, não sabia ler nem escrever correctamente, em francês ou em alemão. O seu francês – a língua *en famille* – era descuidado e cheio de frases e construções alemãs. Quando partiu para França falava fluentemente a língua de Racine segundo uma testemunha independente, se bem que

com um ligeiro sotaque alemão. No entanto, os Franceses continuariam a achar que a educação de Maria Antonieta tinha sido «muito negligenciada», o que levou a acusações privadas de estupidez. Provavelmente, Vermond lutou em vão contra uma mente sem qualquer conteúdo intelectual ou especulativo.

No entanto, os registos do abade em relação ao seu carácter eram geralmente favoráveis, realçando a doçura e a amabilidade da sua natureza e deplorando ao mesmo tempo a sua tendência para a distração. A sua aparência só tinha um defeito: era bastante pequena. Um relatório secreto enviado para França dizia muito sucintamente: Madame Antoine era encantadora e não daria problemas.

O marquês de Dürfort fez o pedido formal no dia 6 de Junho de 1769 para os esponsais entre o delfim, então quase com quinze anos, e a arquiduquesa, então com treze anos e meio. Seis dias mais tarde teve lugar em Laxenburg uma festa com uma magnificência pouco habitual para celebrar o dia onomástico do futuro delfim. A circunspeção e dignidade de Maria Antonieta encantaram todos os presentes. Todos sabiam que a filha mais nova da imperatriz tinha pela frente um futuro glorioso. Como Maria Teresa disse à filha: «Se considerarmos apenas a grandeza da tua posição, és a mais feliz das tuas irmãs e de todas as princesas.» A Luís XV, porém, a imperatriz escreveu de Laxenburg umas linhas bem diferentes: «A sua idade suplica indulgência.» Desta maneira sugestiva, Maria Teresa pedia ao rei francês que actuasse «como pai» junto da futura delfina.

\* \* \*

Era intenção do camareiro-mor da corte organizar um cortejo nupcial cuja magnificência atestasse o estatuto imperial da Áustria, apesar de se centrar em redor de uma adolescente. Os cavalos eram uma questão crucial, cavalos que puxariam as infundáveis carruagens condizentes com o estatuto da futura delfina, cavalos que teriam de ser substituídos frequentemente para evitar atrasos. O cortejo teria 132 dig-

nitários e o dobro de médicos, cabeleireiros e criados, incluindo cozinheiros, padeiros, ferreiros e até uma costureira para pequenos arranjos no caminho. Para tanta gente seriam necessárias 57 carruagens e 376 cavalos, o que exigiria um total de 20 mil animais ao longo do caminho.

Inevitavelmente, a própria Madame Antoine tornou-se o pólo de atracção da corte. Em Dezembro de 1769, num baile de máscaras, 4000 pessoas fizeram fila para vislumbrar a futura delfina e ficaram encantadas com o que viram.

Em Fevereiro teve lugar um acontecimento significativo, quando, como a imperatriz se apressou a informar o embaixador francês, a futura delfina «se tornou mulher». Antoine tivera o seu primeiro período naquela mesma manhã; Maria Teresa esperava que Luís XV ficasse muito feliz com a notícia. Madame Antoine já podia ser mãe quando o seu casamento fosse consumado. Foi este aspecto dinástico que inspirou em Maria Teresa uma curiosidade obsessiva em relação aos ciclos mensais das suas filhas, uma preocupação que não tinha em consideração a distância ou até a privacidade. As arquiduquesas, mulheres de príncipes importantes noutros países, tinham de enviar relatórios frequentes sobre o assunto. Embaixadores como o conde Mercy d'Argenteau foram chamados a prestar tal serviço e o médico real francês, Lasselonne, tinha de enviar «todos os meses» à imperatriz relatórios sobre o ciclo de Maria Antonieta. Menos apropriadamente, talvez, foi pedido a Gluck, em determinada altura, que levasse em mão a imprescindível mensagem.

Os conselhos de Maria Teresa às suas filhas eram extremamente detalhados. No entanto, pouco fizeram para conseguir conciliar os dois papéis de refém e embaixatriz. As duas anteriores arquiduquesas tinham recebido longas instruções. Amália foi avisada: «Tu és estrangeira e súbdita; deves aprender a conformar-te; como és mais velha do que o teu marido, não deves tentar dominá-lo... lembra-te de que somos súbditas dos nossos maridos e que lhes devemos obediência.»

Em contraste com o tema da obediência, havia a questão crucial do seu comportamento como boas alemãs. As instru-

ções da imperatriz a Antoine diziam que, se por um lado não devia introduzir qualquer costume novo, comportar-se de maneira diferente do que estava estritamente estabelecido na corte de França ou citar os usos da corte de Viena, por outro devia mostrar-se sempre «uma boa alemã». Como poderia ser seguido um conselho aparentemente tão contraditório?

No dia 15 de Abril – Sábado de Aleluia –, o marquês de Durfort regressou em triunfo como embaixador extraordinário do rei francês, tendo deixado Viena pouco antes como simples embaixador. Teoricamente, Durfort tinha regressado a França apenas para desempenhar este acto de transformação, mas tinha-se limitado a adquirir um enorme cortejo de quarenta e oito carruagens puxadas por seis cavalos cada uma para enfatizar a nova magnificência do seu estatuto a uma corte que o conhecia bem havia três anos.

Duas carruagens foram enviadas pelos Franceses. Teriam a honra de transportar a delfina na sua viagem e eram as mais sumptuosas de todas. Uma tinha estofos de veludo carmesim, bordados a ouro com motivos das quatro estações; os estofos da outra eram azuis, com motivos relativos aos quatro elementos e ramos de flores, feitos com um fio de ouro muito fino, suspensos do tecto.

O embaixador extraordinário entregou a Madame Antoine uma carta e dois retratos do delfim. Esta pegou num deles, engastado em diamantes, e prendeu-o no corpete. A carta era de uma cortesia requintada e é pouco provável que o seu conteúdo fosse do conhecimento do delfim.

No dia 17 de Abril, Madame Antoine jurou sobre uma Bíblia que renunciava aos seus direitos hereditários, através da sua mãe, às terras austríacas, e às da Lorena que lhe pertenciam através do seu pai. Esta renúncia formal era frequentemente exigida às princesas que abandonavam o reino para evitar que uma dinastia estrangeira aspirasse ao trono familiar, caso falhasse a sucessão masculina.

Na mesma noite, o imperador José deu um jantar para 1500 pessoas no Palácio Belvedere, em Viena. Outras 600 dançariam num baile num pavilhão especialmente cons-

truído nos jardins do palácio para o efeito, usando máscaras, dominós brancos ou capas com capuz. (No entanto, havia uma ordem especial de que não seriam toleradas máscaras «desagradáveis».)

Estavam presentes 800 bombeiros por uma questão de segurança, dada a quantidade de velas – quase 4000 – necessárias para a ocasião. Menos vulgar foi a contratação de dentistas para o caso de uma dor por parte de algum dos convidados. A gazeta oficial atribuiu esta preocupação aos «cuidados maternos» da imperatriz. A ceia no baile foi servida por turnos, mil pessoas de cada vez, e começou às onze horas, mas as bebidas – café, chá, chocolate e limonada, bem como licores – foram servidas sem interrupção ao longo da noite.

Provavelmente, esta generosidade foi responsável pelo facto de o baile ter durado até às sete horas da manhã, apesar de a família imperial se ter retirado por volta das três.

O casamento, que teve lugar às seis horas da tarde do dia 19 de Abril, foi, evidentemente, um casamento por procuração, um procedimento usual no que dizia respeito à união das princesas com estrangeiros e que tinha a respectiva aprovação eclesiástica, o que significava que a jovem podia viajar já com o seu novo estatuto social. O noivo por procuração de Antoine foi o seu irmão mais velho, o arquiduque Fernando, que tinha apenas de usar a fórmula em latim «é de minha vontade e por isso prometo», ajoelhar ao lado da irmã e comparecer no banquete nupcial a seu lado. Em tempos mais remotos, os casamentos por procuração eram consideravelmente mais realistas. O «par nupcial» ia para a cama e, em frente de testemunhas, o noivo simbólico introduzia simbolicamente uma perna entre as pernas da noiva.

Seguiu-se, às nove horas, o banquete oficial de casamento, que durou várias horas. No entanto, houve outro na noite seguinte, durante o qual os embaixadores e as outras personalidades tiveram autorização para beijar a mão daquela que já podia, oficialmente, ser chamada «Madame la Dauphine».

A partida da delfina foi marcada para as nove horas da manhã seguinte. A hora, madrugada, era deliberada. Fosse qual fosse o futuro brilhante da noiva, aquelas partidas não eram ocasiões felizes. Naquela fria manhã de Primavera, a imperatriz puxou para si uma vez e outra a sua filha. «Adeus, minha querida filha, vamos ficar separadas por uma grande distância... Sê boa para o povo francês, para que ele possa dizer que eu lhe mandei um anjo.» Em seguida começou a chorar. Madame Antoine, incapaz de conter as lágrimas, meteu a cabeça pela janela vezes sem conta para ver pela última vez o lar onde tinha nascido e crescido.

À medida que o cortejo de cinquenta e sete carruagens passava por Schönbrunn, no início da sua longa viagem a caminho de França, os postilhões sopravam nas suas trompas, saudando o passado da arquiduquesa e o futuro da delfina.